

Entenda por que as medidas unilaterais anunciadas pela Petrobrás prejudicam sobretudo as mulheres

Petroleiras na linha de frente da luta contra retrocessos no teletrabalho



ESPECIAL DO COLETIVO DE MULHERES PETROLEIRAS

8 DE MARÇO DE 2025

Origens do Dia Internacional da Mulher



Em 1917, cerca de 90 mil operárias russas manifestaram-se contra as más condições de trabalho, a fome, a participação russa na Primeira Guerra e o czar Nicolau 2º. O protesto ficou conhecido como “Pão e Paz”.

Em 1857, operárias de uma fábrica de tecidos em Nova York fizeram uma greve e reivindicaram melhores condições de trabalho. A manifestação foi reprimida com violência e as mulheres foram trancadas dentro da fábrica, que foi incendiada.

Em 1975, a Organização das Nações Unidas (ONU) oficializou o Dia Internacional da Mulher.

O Dia Internacional da Mulher homenageia as mulheres e é um momento de reflexão sobre como a sociedade as trata. É também um momento para discutir, combater e falar sobre a violência de gênero, o assédio e o feminicídio. É um momento para reafirmar a relevância da contribuição feminina à sociedade.

A categoria petroleira tem acompanhado apreensiva a luta da FUP e de seus sindicatos para que a Petrobrás negocie regras coletivas para o teletrabalho, buscando garantir avanços e não retrocessos. Segundo dados da empresa, 65% de seus efetivos estão distribuídos por escritórios e unidades administrativas, onde as mulheres têm participação significativa nos postos de trabalho.

Estudos e pesquisas diversas reforçam o quanto o teletrabalho tem possibilitado que as mulheres se mantenham ativas e produtivas no mercado de trabalho, sobretudo em sociedades como a nossa, onde ainda lutamos pela divisão igualitária das tarefas domésticas e dos cuidados com a família. O teletrabalho, portanto, tem cada vez mais destaque na agenda das mulheres, em decorrência das múltiplas jornadas que elas enfrentam no dia a dia.

Não por acaso, as petroleiras são as mais impactadas pelas medidas unilaterais anunciadas pela Petrobrás, ao aumentar a escala do trabalho presencial sem ouvir a categoria. São elas também que estão na linha de frente das mobilizações e atos realizados para pressionar a gestão Magda Chambriard a abrir o diálogo com as entidades sindicais.



Marise Arnaldo, que trabalha em um dos escritórios da Petrobrás, afirma que o trabalho remoto tornou possível o cuidado com o filho e a sogra, ambos cadeirantes, que moram com ela. “O teletrabalho é extremamente importante na minha vida. Através dele, eu consigo coordenar as atividades do trabalho, que não são poucas, com as de casa. Eu deixo de perder de 3 a 4 horas de deslocamento para o trabalho e consigo realizar outras coisas que não consigo fazer se estiver no presencial, como o cuidado com a minha sogra e o meu filho, que são cadeirantes e vivem comigo em casa”.

Muito emocionada, uma petroleira do Torre Pituba, mãe de um bebê de 1 ano e quatro meses, chora ao relatar que poderá deixar de amamentar o seu filho se tiver que trabalhar presencialmente três vezes na semana. Ela lembra que, devido às conquistas do Acordo Coletivo, teve a jornada de trabalho reduzida para seis horas até o primeiro ano de vida dele e pode utilizar uma sala de amamentação no local de trabalho. Mas afirma que isso não será suficiente, se houver retrocessos no teletrabalho. “Eu não consigo mais proteger a minha amamentação, se eu tiver que vir três vezes ao trabalho. E falo isso com o meu coração doendo”.

A comunicação da FUP conversou também com outras mulheres petroleiras e ouviu relatos dramáticos sobre os impactos que sofrerão, caso a escala do teletrabalho seja alterada de forma unilateral pela Petrobrás. Veja a seguir:

“Tive um filho em 2023, que nasceu com sofrimento fetal grave, ficou internado até quase completar 4 meses, quando faleceu. Na época, a Petrobrás cortou a minha licença maternidade de 6 meses, que eu teria direito após a morte do meu bebê, com a desculpa desumana de que eu não estava cuidando do meu filho. A minha gravidez e a consequente internação do meu bebê deixaram cicatrizes profundas. Isso significa que eu preciso fazer diversos acompanhamentos multidisciplinares para me reestruturar fisicamente, emocionalmente, psicologicamente e espiritualmente. É uma luta enorme passar pelo processo de perder um filho e ainda ter todos os problemas físicos que eu desenvolvi na gravidez e no pós-parto. Eu só consigo fazer todos os tratamentos porque estou em teletrabalho integral. Toda vez que eu penso que a empresa pode me colocar de volta no presencial e que a escala pode aumentar, o meu coração aperta e eu fico muito angustiada. E eu não entendo a necessidade disso, pois os meus superiores sabem que a minha produtividade é maior de casa. Todos concordam que as reuniões online ou híbridas funcionam melhor, começam no horário e mais gente consegue participar. Além disso, os prédios administrativos do Rio não possuem estrutura para receber todos os empregados”.

Laura da Cunha, 43 anos, estatística, lotada no Edisen



“Quando eu tenho que vir ao trabalho presencial, tenho um equilíbrio muito menor entre a minha vida pessoal e profissional. Eu quero sim trabalhar, eu quero sim dar o melhor para a companhia, mas eu também quero ver as minhas filhas crescerem, eu também quero apoiá-las sempre que possível, eu também quero estar presente na convivência delas. Eu quero ter tempo também para ter minhas ações de autocuidado e de desenvolvimento pessoal e profissional. Quando eu venho presencialmente ao trabalho, não sobra tempo para nada porque não são só oito horas de trabalho, tem todo o trânsito das grandes cidades, todo o tráfego, toda a dificuldade de ter que vir para cá. Isso prejudica muito a minha saúde, não só física, quanto mental”.

Inerê Castro, psicóloga, lotada no Torre Pituba



“Ir mais um dia presencial afetará principalmente o cuidado com a saúde. No sistema híbrido atual, consigo frequentar regularmente a academia e dar continuidade a tratamentos, como fisioterapia. Consigo também dar mais atenção à minha mãe idosa. Terei mais deslocamentos desgastantes. Tudo isso afetará fortemente o ganho de qualidade de vida obtido após a adoção do atual regime de trabalho. Tenho receio de que mais medidas sejam adotadas em detrimento do teletrabalho. Essa é só a primeira. Acredito que temos que colocar o teletrabalho no ACT com um regramento concreto e que só possa ser modificado passando por uma comissão que inclua o sindicato. Em vez de retrocessos, precisamos evoluir para ter mais flexibilidade no teletrabalho e também um público maior contemplado com o teletrabalho integral”.

Selma Sacramento, 63 anos, geofísica, transferida da Bahia para o Edisen

“Apesar do meu bebê ainda mamar, eu sou obrigada a vir à empresa fazer o trabalho presencial que eu poderia fazer exclusivamente da minha casa. E agora estou sendo sujeita à possibilidade de vir mais um dia. Eu continuo amamentando o meu filho, chego em casa com o meu peito doendo. Assim como eu, tem outras mulheres aqui nessa mesma situação. A impressão que dá é que a gente vai desmamar os nossos filhos precocemente, embora a Sociedade de Pediatria recomende a amamentação até os dois anos. Aqui na Petrobrás, inclusive, tem cartazes dizendo o quanto é importante amamentar a criança até os dois anos. Mas eu não consigo mais proteger a minha amamentação, se eu tiver que vir três vezes ao trabalho. E falo isso com o meu coração doendo, pois me sensibiliza muito ter que desmamar o meu filho contra a minha vontade”.

R. petroleira do Torre Pituba

“Atualmente trabalho na base de Imbetiba no regime híbrido, no caso duas vezes na semana na base e três dias no homeoffice. O homeoffice trouxe muitos benefícios para a minha vida profissional, como mais disposição e eficiência, e a conciliação com a vida pessoal, que é a família e a saúde mental.

Hoje consigo levar os meus filhos na escola e com calma retornar para casa tomar o meu café e iniciar as atividades laborais, o que trouxe uma incorporação da família à atividade. Não preciso me preocupar com a correria do deslocamento. E a oportunidade de almoçar em casa com a minha família.

Ressalto que todas as atividades laborais são efetivamente realizadas e reuniões com total participação. Todas as integrações necessárias para a realização das atividades são realizadas junto a equipe pelo Teams sem perda de qualidade e eficácia. Com flexibilidade, economia de tempo e dinheiro (alimentação, transporte e vestuário) trouxe melhorias para a minha saúde física e mental.

Em 2017 eu fui diagnosticada com Bournout, mas na época não era utilizada com frequência esta nomenclatura, então o laudo foi como depressão. E toda essa rotina engessada ajudou muito no meu estado de saúde mental. Então eu pude perceber a melhoria em minha vida quando o homeoffice foi disponibilizado pela empresa. Isso é um fato em minha vida e acredito muito na excelência do trabalho associado a qualidade de vida do trabalhador.”

Michelle de Oliveira Miranda
UN-BC/SMS/PCM



Ainda estamos aqui e continuaremos estando

A cada 8 de março, nós, mulheres, nos encontramos nas ruas e fortalecemos nossa luta

Por Bárbara Bezerra | Coordenadora do Coletivo de Mulheres Petroleiras da FUP, diretora da Federação e do Sindipetro NF

Ainda estamos aqui. Já sofremos muito, e continuamos sofrendo. Mas estamos de pé e com muita disposição de luta. O filme que comoveu o Brasil e está conquistando o mundo, nos espelha.

A luta de Eunice Paiva, maravilhosamente representada por Fernanda Torres, nos inspira. Ainda estou aqui narra a história dessa brava militante e os desafios que enfrentou após o sequestro e desaparecimento do seu marido, o deputado Rubens Paiva, por parte das forças repressivas da ditadura militar (1964-1985).

Eunice é uma mulher que se desdobra para cuidar, criar, educar os filhos e militar politicamente. Um pouco de todas nós, petroleiras. Mulheres que enfrentam os desafios diários no trabalho e no lar, que se desdobram para dar conta de tudo e um pouco mais.

Mulheres que na sua maioria enfrentam os desafios da dupla jornada, que além do trabalho enfrentam os afazeres domésticos e a criação dos filhos.

A história individual da Eunice nos dá forças para continuar enfrentando as mazelas do machismo. Nós, petroleiras, enfrentamos dificuldades para entrar na indústria, e quando entramos o fazemos para um ambiente geralmente hostil, que não está preparado para nos receber e ainda é favorável a opressões.

Mas a nossa história e nossa experiência prática têm nos demonstrado que sem organização coletiva, sem disputar espaços nos nossos sindicatos, sem nos juntar a outras mulheres, não conseguimos avanços. Foi após finalizar uma eleição de retoria na Federação Única dos Petroleiros (FUP) e perceber que não

tinha nenhuma mulher, que surgiu o Coletivo Nacional de Mulheres Petroleiras, um movimento histórico e importantíssimo. Nele, a gente se enxerga e se identifica, trocamos experiências e sonhos e nos fortalecemos.

Levantamos bandeiras importantes e primordiais, reivindicamos nossos direitos. Avançamos, mas ainda temos enormes desafios pela frente, muitas batalhas que daremos com toda nossa força. Ainda ganhamos menos que os homens fazendo o mesmo serviço, ainda sofremos assédio e violência, ainda somos corrigidas e silenciadas.

Mas, a cada 8 de março, a gente se encontra e fortalece nas ruas, renovamos nossa disposição de luta. Porque ainda estamos aqui e continuaremos estando. Juntas e cada vez mais fortes.